

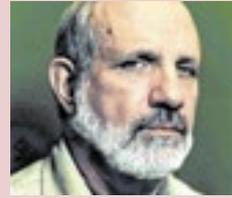
Maurício Einhorn
celebra 45 anos do
primeiro álbum

PÁGINA 3



Mubi Fest Rio
devolve holofotes
a Brian De Palma

PÁGINA 4



Nanny People
revisita a carreira
em espetáculo

PÁGINA 7



2º CADERNO

O homem dos VERSOS CERTOS

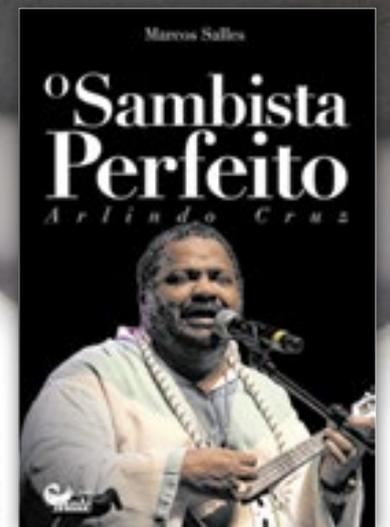
Biografia de Arlindo Cruz desvenda histórias inéditas do compositor, desde a infância até o AVC que mudou sua vida

Por Affonso Nunes

A trajetória de um dos maiores sambistas brasileiros ganha contornos íntimos e reveladores em “O sambista Perfeito”, biografia de Arlindo Cruz assinada pelo jornalista Marcos Salles e publicada pela Editora Malê. A obra vai muito além de curiosidades sobre o artista para conduzir o leitor a uma jornada adentro da história pessoal do compositor, revelando detalhes da relação amorosa com Bárbara Cruz, a Babi, e aspectos da intimidade do casal que nunca foram expostos publicamente. Mais do que isso, o livro constrói um retrato da superação de um artista que, nas palavras do próprio biógrafo, “é um negro e gordo, que foi pobre e venceu”.

Com mais de 700 músicas gravadas, uma carreira que o levou a percorrer o mundo e cerca de 3 mil gravações tocando seu banjo, Arlindo tornou-se figura central da cultura brasileira. “Arlindo não é só um sambista, ele é o samba em toda sua amplitude: na religião, na comida, no dia a dia, na maneira de ver e conduzir a vida”, descreve o cantor e compositor Rogê, um de seus parceiros mais recentes, na apresentação do livro.

Continua na página seguinte



Acervo familiar



O cantor recebe massagem da mulher, Bárbara, num intervalo de gravação no estúdio

Acervo familiar



Com Zeca Pagodinho em show no Teatro Carlos Gomes

Acervo familiar



Arlindo é recebido em casa pela família durante a Copa do Mundo da Rússia, em 2022

Divulgação



No sambódromo com Beth Carvalho e Almir Guineto na Ala do Banjo da Império Serrano

A doença que dividiu a vida do artista

Divulgação



O sambista dividindo o palco com Caetano Veloso

Acervo familiar



Arlindo, Ubirany e Sereno, do Fundo de Quintal, recebendo o primeiro disco de ouro do grupo no programa do Chacrinha, em 1985

A gênese do projeto revela uma curiosa inversão de papéis. Salles confessa que já nutria o desejo de escrever sobre o sambista, mas havia recuado ao saber que outro autor trabalhava no tema. Foi então que Babi tomou a iniciativa. “Já queria fazer o livro do Arlindo, mas tinha ouvido dizer que alguém estava fazendo. Fiquei, então, na minha. Até que a Babi me intimou a fazer. Não foi um convite. Ela disse que só eu poderia fazer o livro dele”, relata o jornalista, que aceitou o desafio no início de 2021.

A estrutura narrativa escolhida por Salles é cinematográfica e impactante. O livro se abre com os dias que antecederam o AVC sofrido por Arlindo em 17 de março de 2017, momento que dividiu sua vida num antes e depois. A partir desse marco dramático, a biografia recua no tempo, percorrendo a infância do compositor, os primeiros contatos com a música através do pai que tocou com Candeia e enfrentou a prisão, os tempos difíceis marcados pelos esquadrões da morte, a

experiência formativa na Escola Preparatória de Cadetes do Ar em Barbacena (MG), até chegar aos primórdios do Fundo de Quintal.

O percurso biográfico abrange toda a trajetória artística de Arlindo, desde os primeiros acordes no grupo que ajudou a fundar até a consolidação da carreira solo, passando pela participação no programa “Esquentá” da TV Globo e as parcerias que o aproximaram das novas gerações, especialmente através de Marcelo D2 e Rogê.

O trabalho de apuração de Salles, que já havia lançado obra sobre a trajetória do Fundo de Quintal, impressiona pela amplitude. O autor entrevistou 120 pessoas, construindo um mosaico de depoimentos que inclui desde grandes nomes da música brasileira como Maria Bethânia, Zeca Pagodinho e Maria Rita, até figuras da televisão como Regina Casé, além da família do compositor um painel de vozes que revelando as diferentes facetas do artista.

“Eu conheci o Arlindo há muito tempo. nada me surpreendeu nos depoi-

mentos, mas foi bacana saber a visão das pessoas que ouvi sobre ele. e praticamente todos destaca a sua generosidade, o que ele fazia pelas pessoas. Ela ajudou muita gente, estava sempre querendo novos parceiros para compor e não tinha isso de que o cara não fosse conhecido. Essa generosidade maior do que o próprio Arlindo”, conta Salles

Mais que um sambista, Arlindo é dono de uma filosofia de vida que perpassa toda a narrativa desencadeada por Salles. Um exemplo desse jeito Arlindo de ver a vida é sua concepção do samba como veículo de alegria. “Gosto do povo cantando! Sou a favor do refrão! Samba não tem que ter só essa preocupação social, tem que ter alegria. Samba é alegria”, dizia o compositor, definindo sua missão artística como a busca por “dar um pouquinho de mim pro povo ficar feliz e se lembrar de mim com alegria”.

“O Sambista Perfeito” se propõe e acerta ao traçar um retrato fiel a um gigante da música popular brasileira, equilibrando a análise da obra com a revelação do homem por trás das canções.

CRÍTICA / DISCO / ALMA DE GATO

Com fôlego e alma de sete gatos

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de Alma de Gato, álbum de Zé Motta e Carlos Chaves, criadores reconhecidos pelo talento. Ao ouvi-los, vocês reconhecerão as possibilidades que a diversidade da música brasileira alcança quando pelas mãos de quem domina o ofício. Eis algumas.

“Alma de Gato” (Zé Motta, Carlos Chaves e Laís Ferreira): a tampa abre sob o som do violão requinto de Carlos Chaves e do violão de seis cordas de Zé Motta. Graças à energia dos violonistas, a harmonia evocada pelo som de seus instrumentos é de uma simplicidade ímpar. Zé Motta canta e traduz o sentimento dos versos de Laís Ferreira. Belo início!

“O Grito de Davi” (Zé Motta, Carlos Chaves e André Lacerda): o Quarteto Maogani brilha no arranjo desde a intro, tocada

pelo violão requinto de Carlos Chaves, o violão de oito cordas de Paulo Aragão e o violão de seis cordas de Lucas Gralato, até os baixos do violão de sete cordas de Diogo Sili. A delicadeza dos violões emaranha-se com a poética de André Lacerda pela voz de Zé, que expõe a saga dos povos indígenas.

“Lúcido Orientado” (ZM, CC e André Lacerda): o requinto soa dedilhado. Maria Clara Valle participa com a sonoridade grave de seu violoncelo. Zé canta os versos antenados de Lacerda, que tratam da dignidade perdida na situação de rua, onde milhares de brasileiros se consomem em drogas e abandono.



Divulgação

“Althierado” (ZM e CC): Chaves e Zé escancaram sua admiração por Guinga. Mestre de composições, criador de introduções definitivas, Guinga está presente, tocando uma nova e categórica intro no violão e seguindo acompanhando Zé, que entoava vocalises. Um trio de responsa!

“Dia Bom” (ZM, CC e Renato Frazão): o samba vem maneiro pela voz de Laura de Castro, com a percussão de Mateus Xavier embalando o duo vocal com Zé. Composta em 2022, a letra de Frazão é um grito de esperança por um Brasil democrático e livre de negacionistas e genocidas.

“E Avouou Meu Amor” (ZM, CC e André Lacerda): a flauta de Aline Gonçalves acaricia a letra de amor de Lacerda. Os violões de seis e requinto buscam ali seu aconchego e acertam na mosca. Alice Passos, cantando bonito como sempre, entrega o canto para Zé. Após uníssono, o duo fecha o arranjo cantando em terças.

“Diversa” (ZM, CC e Renato

Frazão): puxada pela percussão de Mateus Xavier, pelos berimbau e o violão de Zé, mais o sete cordas de Chaves, a letra de Frazão ganha força no duo vocal de João Biano e Zé. O suingue predomina até o final em fade in.

“Minha Irmã e Eu” (ZM, CC e Moyses Marques): fechando a tampa, Carlos Chaves, Zé Motta e seus violões convidaram a voz indiscutível de Mônica Salmaso, bem como o clarinete de Vicente Alexim... meu Deus! Ouçam Alma de Gato, álbum criado com grandíssima musicalidade – aptidão inescapável para fazer da música algo sublime.

Ouçã o álbum em <https://acesse.one/Iy0o2>

FICHA TÉCNICA

João Ferraz: gravação, mixagem e masterização; Felipe Larrosa: gravação.

*Vocalista do MPB4 e escritor

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Tchaikovsky pela Opes

A Orquestra Petrobras Sinfônica apresenta obras de Piotr Ilich Tchaikovsky (1840-1893) nesta quarta (30), às 19h, no Theatro Municipal. Sob regência do maestro Isaac Karabtchevsky, o concerto terá o pianista Cristian Budu como solista no Concerto para Piano nº 1. O programa inclui ainda a Sinfonia nº 5 do compositor russo. O espetáculo marca mais uma apresentação da orquestra no tradicional teatro carioca, oferecendo ao público repertório clássico de um dos maiores mestres da música de concerto mundial.

Renato Mangolin/Divulgação



Felipe Diniz/Divulgação



45 anos soprando

O gaitista Mauricio Einhorn celebra 45 anos do lançamento de seu primeiro LP em show no Blue Note Rio nesta quarta (30), às 20h. Autodidata desde os cinco anos, quando ganhou sua primeira gaita dos pais, o músico carioca participou de mais de mil gravações com artistas como Tom Jobim, Sarah Vaughan, Kenny Barron, Angela Ro Ro, Baden Powell, Paulo Moura, Marcos Valle, Edu Lobo, João Donato, Ivan Lins, Zizi Possi e Ney Matogrosso. O espetáculo marca quase cinco décadas de carreira do harmonica, um dos músicos mais respeitados da nossa cena instrumental.

Márcio Monteiro/Divulgação



Arranjos camerísticos

Os violonistas Lucas Gralato e Luísa Lacerda (foto) apresentam show “Copas Fora” na Casa do Choro nesta quarta (30), às 19h. Os músicos interpretam repertório conhecido de Luísa com arranjos camerísticos de Lucas. Mari Jasca faz participação especial. Depois de gravar trabalhos com Miguel Rabello (“Meia Volta”, 2017), com a violoncelista Maria Clara Valle (“Beira do Mundo”, 2019), Renato Frazão (“Cantiga do Breu”, 2019) e Giovanni Iasi (“Nó”, 2020), Luísa lançou seus primeiros solos, o EP “Zigue Zague” (2021) e o álbum “O Canto e a Asa” (2023).



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Assim que se acessa a URL www.mubi.com, correspondente a um streaming pautado pela força autoral das narrativas audiovisuais, “Vestida Para Matar” (“Dressed To Kill”, 1980), com Nancy Allen, é um dos primeiros títulos a aparecer, numa oferta que, neste fim de semana há de se estender à tela grande. Neste sábado, às 19h30, o frenético jogo de gato, rato e navalhadas vai parar na telona do Estação NET Rio, na programação do Mubi Fest Rio de Janeiro. Na mesma sala, às 21h45, tem “Carrie, a Estranha” (“Carrie”, 1976). Ambos estão no menu da plataforma supracitada, ao lado de “Um Tiro Na Noite” (“Blow Out”, 1981), numa aba chamada de Mestre do Suspense, dedicada às estéticas de um gênio hoje sem espaço para filmar... e até para lançar títulos novos: Brian Russell De Palma.

Citado como referência por Quentin Tarantino e aclamado por cineastas pop europeus como Nicolas Winding Refn e François Ozon, ele chega aos 85 anos no próximo dia 11 de setembro. A data deve lhe render retrospectivas, mas não lhe assegura chance de filmar de novo. O diretor chegou à marca de seis anos de invisibilidade aos olhos da indústria cinematográfica, mesmo recebendo homenagens sazonais, como a da Mubi. Nenhum dos projetos de longa-metragem



Divulgação

‘Vestida Para Matar’ assegura tela grande para Brian De Palma ainda hoje...



Divulgação

... Já ‘Dominó’, longa mais recente do realizador, permanece sem tela desde 2019

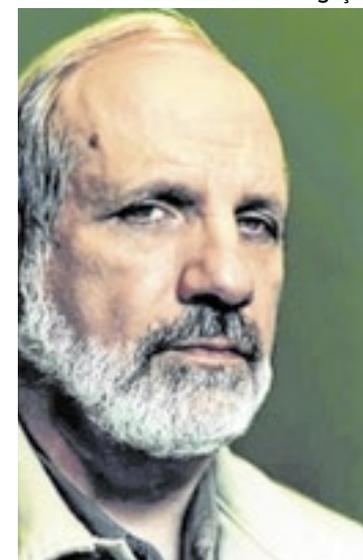
Suspense suspense

que estavam associados a seu nome saiu do papel, entre eles um thriller potencialmente reservado para Wagner Moura, chamado “Sweet Vengeance”.

O pior: o último trabalho do realizador segue estacionado desde 2019 na fila de filmes sem tela no Brasil. “Dominó – A Hora da Vingança”, que foi seu longa mais recente, passou na Europa em raros espaços e não teve circuito nestas bandas. Protagonizado pelo ótimo Nikolaj Coster-Waldau, no papel

de um policial em busca de vingança, esse thriller aguarda por tela em vários territórios, confirmando uma maldição que se abateu sobre seu realizador. Nos EUA, o filme passou batido, prejudicado por uma série de problemas de produção.

Responsável por garantir ao diretor uma indicação ao Leão de Ouro, em 2012, o suspense “Paixão” (“Passion”), com Noomi Rapace e Rachel McAdams, permanece, também zero km em nosso



Divulgação

Prestes a completar 85 anos e sem conseguir meios para filmar, Brian De Palma ganha espaço nobre no Mubi Fest Rio, que vai mobilizar o Estação NET Rio neste fim de semana

(“Black Dhalia”), seu último sucesso, lançado em 2006, também sumiu das telas, mas hoje pode ser acessado na Amazon Prime. O que teria expelido um cineasta desse naipe do circuito? Um cineasta com 65 anos de carreira.

Nascido em 11 de setembro de 1940, em Newark, Nova Jersey, De Palma estudou Física até estrear como realizador, em 1960, ao rodar o curta-metragem “Icarus”. Filho de um cirurgião, a quem acompanhou em muitas operações, De Palma rodou 35 filmes nas últimas cinco décadas. Dirigiu sete curtas entre 1960 e 1966, além de um videoclipe para Bruce Springsteen, desenvolvido a partir da canção “Dancing In The Dark”.

Na seara dos longas, ele contabiliza 31 produções, rodadas entre 1968 - quando debutou no formato, com “Murder à La mod” - e 2019 - quando “Dominó” entrou em cartaz, ficando em evidência apenas em Israel e na Hungria. Avaliando-se tudo de bom que o diretor assinou, “Dublê de corpo” (1984), “Scarface” (1983) e “Carrie, a estranha” (1976) são considerados obras-primas em sua carreira, cujos maiores êxitos comerciais foram projetos de “encomenda”. Seus blockbusters: “Os Intocáveis” (1987), cujo faturamento beirou US\$ 76,2 milhões, e “Missão: Impossível” (2006), que registrou uma arrecadação mundial de US\$ 456,7 milhões.

Controverso por excelência, tido como misógino e voyeurista, De Palma foi, durante décadas, rotulado como um pastichador de Alfred Hitchcock, até que, em 2002, uma mostra com foco em seus feitos, realizada no Centre Pompidou, redimiu sua filmografia, buscando uma identidade autoral própria para além de suas referências. Em 2007, “Guerra sem Cortes” usou elementos da linguagem digital retirados do YouTube. “Hitchcock é o maior mestre da arte contar histórias a partir de imagens e se eu uso alguma referência de sua gramática esses elementos complexificam o que eu conto. Mas acho que hoje, após quase 50 anos como diretor, tenho meus próprios métodos e estilo”, disse.

circuitão. Nem streamings como a MUBI conseguiram mantê-lo em suas grades.

Exibido no Festival de Rio de 2008, “Guerra Sem Cortes” (“Redacted”), um libelo contra a intervenção militar de Bush no Iraque, teve melhor sorte e passou, por um tempo, na grade do www.mubi.com. O longa garantiu a De Palma o prêmio de Melhor Direção em Veneza.

Longa de abertura do Festival do Rio 2006, “Dália Negra”

ENTREVISTA / JEAN THOMAS BERNARDINI, DISTRIBUIDOR

'Um país sem cultura está morto'

Rodrigo Fonseca

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ganhador do Urso de Ouro na Berlinale, o drama romântico norueguês "Dreams (sex Love)" se mantém no Rio com uma sessão, às 17h30, no Estação NET Botafogo, em um reconhecimento do esforço hercúleo da distribuidora Imovision para manter o circuito brasileiro sintonizado com as ondas autorais de maior impacto do cinema internacional. É essa a missão que o francês Jean Thomas Bernardini assumiu para si quando adotou este país como lar e base de suas operações, nos anos 1990.

Egresso de Marselha, com formação em Psicologia, Bernardini firmou-se como um dos mais audazes distribuidores da América do Sul ao apostar na produção independente do Velho Mundo e de diferentes polos do Ásia e da África. Abriu salas, em São Paulo e em Niterói, na rede Reserva. O nome dela batizou seu streaming, o Reserva Imovision, hoje coalhado de atrações. Este ano, ainda realizou uma mostra responsável por trazer medalhões da direção (Audrey Diwan e Tom Tykwer, por exemplo) ao país, chamada Festival Europeu Imovision. "Monsieur Aznavour", lançado na semana passada, integrou esse evento.

Num papo durante o 3º Bonito Cine Sur, no Mato Grosso do Sul, o distribuidor contou para o Correio da Manhã que já está de olho em certos títulos indicados ao Leão de Ouro de Veneza. De Cannes, ele trará "Amrum", de Fatih Akin; "Mirror n° 3", de Christian Petzold; e "La Misteriosa Mirada Del Flamenco", que ganhou o Prix Un Certain Regard. No papo a seguir, seu olhar sobre nossas telas se desenha.

Depois de toda a promoção que você fez de grandes vozes autorais com o Festival de Cinema Europeu, em abril, incluindo a projeção do Urso de Ouro de 2025, "Dreams (Sex Love)", seu rol de lançamentos assegurou para o Brasil muitos dos títulos premiados em Cannes. Quando eles



começam a chegar por aqui?

Jean Thomas Bernardini: Temos festivais vindo aí (o do Rio e a Mostra de SP) que os querem, mas esses filmes ficam para o ano que vem. Eu não tenho uma média anual de lançamentos fechada, mas tenho um catálogo grande e já penso em fazer alguns lançamentos centrados na nossa plataforma, que está crescendo muito. Tem público em todo lugar para o que eu lanço. Não tem sala para tudo, mas tem gente interessada. A questão é como fazer esses filmes serem vistos, sobretudo num momento em que até a imprensa limita espaço a eles. É preciso criar costume para eles num mercado em transformação, mas todo tomado por blockbusters. Não se pode viver só de "Superman". Um país sem cultura está morto.

Vários filmes do iraniano Jafar Panahi, que ganhou a Palma de Ouro deste ano

com "Um Simples Acidente", estão hoje no Reserva Imovision. "Balão Branco" (1995), primeiro êxito dele, estava na sua carteira de lançamentos na gênese da Imovision. Como sua linha de distribuição começou?

Quando "Balão Branco" teve sua primeira sessão para compradores, eu assisti a uma sessão dele, ao lado de um amigo que, com 20 minutos de sessão, cutucou meu braço e disse "Vamos embora!". Ele ficou maluco quando contei que havia comprado o filme para o Brasil e disse "Como é que você investe num filme que se resume a uma garotinha andando de um lado para o outro com um balão?". Eu acreditei na força daquilo, lancei e vi aquele longa-metragem somar cerca de 180 mil pagantes em circuito brasileiro só com três cópias em 35mm. Mesmo quando elas estavam todas riscadas, muitos exibidores as queriam, dizendo que o filme funcionava.

Por isso, o cinema iraniano está sempre no meu escopo. Ele não sai de moda. Não é à toa que o maior sucesso da Imovision no primeiro semestre, "Meu Bolo Favorito", veio de lá.

Há tempos, você é encarado como um embaixador cinematográfico da França no Brasil. De que maneira se dá a sua relação com o cinema francês?

Eu não trabalho com fronteiras, trabalho com filmes bons. O filme é que me interessa. Acontece que a França, faz tempo, livrou-se do estigma de fazer filmes onde se fala sem parar, e nada acontece, por meio de narrativas ousadas. A ousadia francesa tem sido constante. François Ozon, por exemplo, é um dos diretores franceses que sempre dá certo aqui. O cinema que vem de lá e faz mais sucesso aqui dificilmente ultrapassa a marca dos 300 mil ingressos vendidos. Fica em 200 mil, 250 mil.

Você já era um cinéfilo na França? O que trouxe de sua vivência de cinema lá para o Brasil?

Eu ainda peguei a época em que a Nouvelle Vague (movimento que modernizou o audiovisual, entre o fim dos anos 1950 e o fim dos 1960) estava entrando em cartaz, numa época em que seus filmes eram blockbusters na França. Trabalhei aqui filmes de Claude Chabrol, de Agnès Varda, do grande Alain Resnais (contemporâneo dessa nova onda), de Godard. Esse, quando lançava um projeto novo, às vezes liberava só um par de linhas acerca do que seria seu filme, sem sinopse, e, ainda assim, eu ia lá e pegava... comprava para lançar.

Você sempre lança os filmes de Lucia Murat, assim como já levou às salas títulos premiados de Laís Bodanzky e de Claudio Assis. Como é a sua relação com o cinema brasileiro?

Eu gosto muito do cinema brasileiro, mas para trabalhá-lo bem, eu não posso lançar mais do que quatro ou cinco títulos por ano. Tenho todo um trabalho de promoção para iniciar e desenvolver, tendo que respeitar produtores e diretores.

Felipe O'Neil/Divulgação

Clube em Cena encerra temporada de esquetes improvisados da série 'Comédia Trash de Terror'

Termina nesta quarta-feira (30), no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana, a oitava edição do Clube da Cena, projeto que há dezesseis anos mexe com a cena teatral carioca ao propor a encenação de um espetáculo diferente a cada semana. Desta vez, o coletivo idealizado pela atriz, autora e diretora Cristina Fagundes mergulhou no universo da "Comédia Trash de Terror", explorando a tensão entre o riso e o medo em apresentações únicas e que nunca se repetem.

A experiência nasceu em 2008 neste mesmo palco e já produziu mais de 300 esquetes ao longo de sua trajetória, consolidando-se como uma verdadeira usina de criação dramaturgica. São ao todo 55 artistas – entre atores, autores, músicos e diretores – numa dinâmica de trabalho com ares de ginacana na qual as equipes sorteadas têm apenas uma semana de prazo para conceber, ensaiar e apresentar cinco cenas inéditas.

"São cenas inéditas com apresentações únicas. Quem viu, viu, quem não viu, não vai ver mais. Essa experiência de juntar comédia e terror é muito irreverente e efervescente porque a comédia pressupõe que não pode haver dor, já o terror é justamente o contrário", comenta Cristina Fagundes, que assina a direção geral ao lado de nomes como Wendell Bendelack, Cadu Fávero, Carmen Frenzel e Luiz Carlos Nem. A dramaturgia conta com textos de autores como Regiana Antonini e Claudio Torres Gonzaga, entre outros.

O processo criativo funciona como uma maratona artística onde os limites temporais e de recursos estimulam a inventividade. Os dramaturgos trabalham com restrições de palavras, entregando textos que imediatamente entram em processo de montagem. Em seguida, atores decoram, diretores ensaiam e a equipe técnica ajusta luz e som, tudo em ritmo acelerado para que o espetáculo esteja pronto na data marcada.



O grupo de 55 artistas é dividido em equipes sorteadas que têm um prazo reduzido para criar e encenar cinco cenas diferentes por apresentação

Entre sustos e risadas

Felipe O'Neil/Divulgação



Felipe O'Neil/Divulgação



Os dramaturgos trabalham com restrições de palavras, entregando textos que entram imediatamente em processo de montagem

Para esta temporada dedicada ao terror cômico, a produção investiu em elementos visuais que prometem surpreender o público. "Foi um festival de maldições, monstros, sustos, gritos, teias de aranha, cenários mal assombrados, ruídos estranhos e, é claro, muitas risadas", avalia Cristina.

A caracterização ganhou reforço

especial com a contratação do visagista Alex Palmeira, responsável por transformar os atores em criaturas que vão de lobisomens a vampiros, passando por bruxas e assombrações diversas. A diretora brinca com a atmosfera criada em cena. "Acho que o Gláucio Gill vai ficar até assombrado depois dessa nossa passagem por lá. Depois do fantasma da

ópera, agora vai ter o fantasma do teatro, em Copacabana", diverte-se.

A irreverência marca não apenas o conteúdo das peças, mas também a abordagem do coletivo, que ao longo dos anos explorou estímulos criativos variados – de manchetes de jornal a postagens em redes sociais, de cômodos domésticos a ditados populares.

SERVIÇO CLUBE DA CENA EM COMÉDIA TRASH DE TERROR

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana) 30/7, às 20h | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Cinco décadas de palco, seis de vida, quatro desde que trocou o interior pela capital paulista e três dedicadas à televisão. Os números que pontuam a trajetória de Nany People ganham forma teatral em “Ser Mulher Não É Para Qualquer Um”, espetáculo com apresentação única nesta quarta (30), às 20h, no Teatro Riachuelo. A montagem transforma marcos pessoais e profissionais da artista em uma narrativa cênica que equilibra humor, nostalgia e reflexão sobre os desafios da condição feminina no complexo universo artístico brasileiro.

O texto de Flávio Queiroz, baseado na biografia homônima que ele mesmo escreveu sobre a humorista, serve de roteiro para uma viagem pela memória que abrange desde os primeiros passos artísticos até a consolidação como uma das vozes mais reconhecidas do humor nacional. A direção artística e conceitual fica por conta de Marcos Guimarães, que constrói um espetáculo no qual imagens, música e narrativa se entrelaçam para compor o retrato de uma carreira marcada pela reinvenção.

Humor, nostalgia e reflexão

Nany People passa a limpo sua jornada pessoal no espetáculo ‘Ser Mulher Não É Pra Qualquer Um’

O espetáculo chega em um momento particular da carreira de Nany People, quando a artis-

ta completa 60 anos de idade e meio século dedicado aos palcos, permitindo-a revisitar uma tra-

jetória que atravessou diferentes fases do entretenimento, da comédia de palco aos programas

televisivos, sempre mantendo a irreverência como marca registrada.

SERVIÇO
SER MULHER
NÃO É PARA
QUALQUER UM
Teatro Riachuelo
(Rua do Passeio,
40, Cinelândia)
30/7, às 20h
Ingressos entre
R\$ 50 a R\$ 120

Padrões da masculinidade negra em xeque

‘Lágrimas Retintas’ combina espetáculo, exposição e debates até 6 de agosto

Espaços do capital e região metropolitana recebem a partir desta quarta-feira (30) o projeto “Lágrimas Retintas”, que coloca em debate os padrões de masculinidade impostos aos homens negros. A iniciativa reúne espetáculo inédito, a exposição fotográfica “MiMover - Masculinidade e Afetividade Preta” e rodas de conversa para amplificar discussões sobre subjetividades masculinas negras.

O espetáculo de dança e música, interpretado por Wagner Cria, Zulu Gregório, Gian Saru

e Pablo Carvalho, sob direção de Salasar Junior e assistência de Dandara Patroclo, explora a raridade do choro masculino negro e os atravessamentos que impedem a expressão emocional. “A obra apresenta desde as performances cobradas de seus corpos, no esporte, na arte e no sexo, as violências sofridas e reproduzidas, as paternidades, muitas vezes substituídas por mães, e a fragilidade que os são negada. Para isso, esses homens recorrem às heranças que atravessam suas ancestralidades



Divulgação

O espetáculo de dança e música é interpretado por Wagner Cria, Zulu Gregório, Gian Saru e Pablo Carvalho

para contrapor aos arquétipos estereotipados de homens negros”, explica o diretor Salasar Junior.

“O espetáculo conta com homens negros em cena que não são

considerados ‘padrão’, são negros retintos, com traços negroides, e essa estética muitas vezes tem um olhar diferente do grande público”, destaca Wagner Cria.

A programação inicia no dia 30 de julho, às 10h, no Departamento Geral de Ações Socioeducativas (Deagse), em Belford Roxo, seguindo no dia seguinte,

às 18h, para o Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, na Tijuca, com acessibilidade garantida. No dia 5 de agosto, às 13h, o projeto chega à Lona Cultural Gilberto Gil, em Realengo, encerrando em 6 de agosto na Frente Cavalcanti.

Contemplado pelo Edital Fluxos Fluminense da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, o trabalho é realizado pelo Coletivo DeBonde com produção da Elabore.Kom. A montagem evoca o conceito de Afrografia, onde corpo, gesto, voz e percussão vivenciam a encruzilhada temporal. Em cena, dois dançarinos, um beatmaker e um músico abordam tabus que cercam as subjetividades masculinas negras, propondo não um discurso sobre tristeza, mas sobre a construção de relações mais profundas, afetos positivos e autocuidado.

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Mais uma vez, o rooftop do São Conrado Fashion Mall se torna um porto no qual se pode embarcar e viajar pelo melhor da gastronomia de oito países. Nos dias 2, 3, 9 e 10 de agosto, o Gastronomia Sem Fronteiras (GSF) combina gastronomia, música, cultura e ações sociais em um cenário com vista para o mar.

A proposta do GSF é promover uma experiência que vai além do prato. O evento traz uma seleção de chefs internacionais, apresentações musicais e uma feira com empreendedores locais. Tudo isso em um ambiente pensado para o convívio e a troca cultural. “É um encontro entre culturas, sabores e pessoas. Uma forma de promover o turismo e fortalecer o papel do Brasil como destino gastronômico internacional”, afirma Pedro Guimarães, idealizador do evento.

A curadoria cuidadosa do estrelado chef Elia Schramm, que acontece desde a criação, promove experiências que aproximam sabores do mundo à identidade carioca. O objetivo é valorizar a diversidade de sabores e a conexão entre tradições culinárias. Elia é um dos nomes em destaque da gastronomia brasileira contemporânea, com uma estrela Michelin em seu currículo, Schramm comanda o Babbo, o Francese e o Jurubeba. Sua cozinha valoriza técnicas refinadas, ingredientes locais e o intercâmbio entre culturas.

“O Gastronomia Sem Fronteiras é sobre encontros. É onde os sabores do mundo encontram a alma carioca, em um ambiente que valoriza o que temos de melhor: cultura, comida, música e afeto”, resume Schramm

A Argentina participa com o restaurante Malta, comandado pelo chef Marcelo Malta. Especializada em parrilla, a casa apresenta o Steak Malta de gado Curraleiro, servido ao ponto e com o tradicional molho chimichurri da casa. O cardápio inclui ainda o hambúrguer com blend exclusivo e outras



Elia Schramm (Babbo)



Heaven Delhaye (Heaven Cucina)



Luana Malheiros (Têreze)

Volta ao mundo gastronômica

Gastronomia Sem Fronteiras traz uma seleção de restaurantes de culinária internacional, apresentações musicais e uma feira com empreendedores locais



Marcelo Malta (Malta)



Alexandre Henriques (Gruta do Fado)



Frédéric de Maeyer

criações voltadas aos apreciadores da carne.

A Alemanha estará representada pelo chef Fábio Rodrigo, do restaurante Herr Pfeffer. A Bélgica traz o chef Frédéric de Maeyer, presente desde a primeira edição. A França, celebrando a “Temporada França-Brasil 2025”, marca presença com os chefs Jérôme Dardillac e Luanna Malheiros, do restaurante Têreze.

Da Itália, a chef Heaven Delhaye, à frente do Heaven Cucina, apresenta pratos com influências mediterrâneas. O Japão retorna ao evento com o restaurante Jappa da Quitanda, comandado por Patrick Szklarz. No menu, o público poderá experimentar pratos como Coral Tataki, Ebiten versão Jappa, Camarão Catupiry e Beijinho de Coco com Crumble de Amêndoa.

Portugal será representado

pelo chef Alexandre Henriques, do restaurante Gruta do Fado. A proposta é levar ao público pratos tradicionais que remetem às raízes da gastronomia portuguesa. Do Brasil, o chef Francisco Nóbrega, do quiosque QuiQui, apresenta a culinária praiana e contemporânea que lhe rendeu o título de “Sabores da Orla 2024”.

A programação musical terá shows de artistas brasileiros como

Rodrigo Santos, Últimos, Tico Santa Cruz & O Rebu, Sandra Sá e Leo Jaime, sempre ao fim de cada dia.

No domingo, 10 de agosto, o festival celebra o Dia dos Pais com uma programação especial para famílias. O espaço Talentinho na Cozinha permite que crianças se tornem mini chefs por um dia. Haverá também recreação e apresentações infantis.

O evento inclui ainda palestras, debates gastronômicos, uma feira empreendedora e uma ação social: a meia-entrada solidária, com doação de 1kg de alimento não perecível. Mais de uma tonelada já foi arrecadada em

O Gastronomia Sem Fronteiras, um convite à descoberta, reforça o Rio como ponto de ligação entre o local e o global. Uma experiência aberta ao público, onde o mundo se encontra à mesa.

“O Gastronomia Sem Fronteiras é uma forma de mostrar o Rio como um destino incrível, que mistura a diversidade da cultura e do turismo, através da gastronomia de um jeito único. Uma experiência de estar ao lado de chefs premiados, restaurantes conhecidos e profissionais do segmento: anônimos, estudiosos ou, simplesmente, apaixonados por essa deliciosa mistura rica de sabores. Uma relação integrada de conexões com outros países e suas culturas — como agora com a França neste ano especial — e cada vez mais estamos promovendo nossos Chefs e restaurantes, na agenda das principais premiações internacionais como o Guia Michelin e o 50 Best”, diz Pedro Guimarães.

SERVIÇO

GASTRONOMIA SEM FRONTEIRAS 2025

Rooftop do Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 – São Conrado)

2, 3, 9 e 10/8, das 13h às 23h
Ingressos a partir de R\$ 40 e R\$ 20 (meia solidária com 1kg de alimento)*

*Os preços podem sofrer ajustes conforme lotes de venda de ingressos e o valor do ingresso não inclui consumo no festival